

Mateus 12.1-8—Trabalho no sábado.

A posição de Jesus como intérprete oficial da Lei é exemplificada no incidente das espigas arrancadas e comidas no sábado. As ações dos discípulos seriam consideradas equivalentes à colheita no sábado e, portanto, trabalho proibido (Cf Ex 20.8-11; Dt 5.12-15). Os fariseus que aparecem como chefes da oposição a Jesus e seus seguidores durante a maior parte desse evangelho, protestam contra esse ato ilegal.

Jesus lhe dá quatro respostas:

1— A ação dos discípulos compara-se à de Davi e seus seguidores em I 21.2-7. Nos dois casos, um mandamento foi transgredido pela necessidade de satisfazer a fome física. Mateus omite o nome de Abiatar, o sumo sacerdote da história vetero-testamentária (referente ao antigo testamento) de Marcos 2.26, porque, de fato, o sumo sacerdote era Abimeleque. Assim, os discípulos do Filho de Davi, tinham um bom precedente no próprio Davi.

2— Nos vv.5-6, Mateus cita um argumento que não está presente no relato de Marcos. Os sacerdotes têm permissão para desempenhar trabalhos no Templo de Jerusalém no sábado, seguindo o princípio segundo o qual as leis pertinentes ao Templo têm precedência sobre aquelas pertinentes ao sábado. Talvez esteja subentendida aqui a reivindicação de que Jesus é maior que o templo.

3— A citação de Oséias 6.6 (É a misericórdia que eu quero, não o sacrifício) é usada para criticar a imperfeita escala de valores dos fariseus.

4— Como Filho do Homem, Jesus tem a autoridade final sobre o sábado e até mais direito do que David ou os sacerdotes do Templo de rejeitar a legislação do Antigo Testamento concernente ao sábado. Na comunidade de Mateus, esta passagem serviria como fonte de defesa contra críticas judaicas sobre a frouxidão dos cristãos primitivos na do sábado. Aqueles cristãos baseavam sua prática no exemplo e na autoridade de Jesus, o Filho do Homem.

In: BERGANT, Dianne, KARRIS, Robert. *Comentário Bíblico*. São Paulo: Edições Loyola, 4ªed., 2008, p.25.

A vida de Jesus, seu ensino e relacionamentos

MISERICÓRDIA QUERO E NÃO SACRIFÍCIO!

 **Texto Bíblico: Mateus 12.1-8**

Objetivos:

- Refletir acerca da verdadeira vontade de Deus;
- Distinguir na vida da Igreja sinais de misericórdia e sacrifício;
- Reconhecer que a Vida é o que há de mais importante para Deus, que faz de tudo para preservá-la.

Ponto de partida:

1— Desenhe em um quadro ou em uma cartolina uma tabela com duas colunas. Veja a sugestão:

Misericórdia	Sacrifício

2— Peça ao grupo que aponte o que na vida da Igreja pode ser entendido como sinal de sacrifício e sinal de misericórdia.

3— Em seguida promova um tempo de reflexão a partir do saber construído. Estimule o grupo a pensar na diferença e nas consequências da valorização de sacrifícios ao invés de uma postura de misericórdia. Apresente o tema do estudo.

Por dentro do assunto:

- Leia o texto bíblico em destaque: Mateus 12.1-8

- Reflita com o grupo sobre o texto do estudo. Para auxiliar a reflexão, utilize a sessão **Para saber mais**.

Sugestão de Reflexão:

É comum enxergarmos a Deus como um Deus que pune, que ergue as mãos para lançar sua ira. Este Deus, na verdade, está mais próximo dos deuses gregos. Nos livros de mitologia grega vemos Zeus, o deus supremo do Olimpo, ser representado sempre com raios nas mãos em posição de lançá-los no desobediente e incrédulo povo.



Muitas vezes o que se pensa e se deseja é sempre punir a quem agiu de maneira inadequada. A partir de nossas próprias

concepções de verdade e justiça, moldamos Deus conforme nossos ideais e pensamentos. Assim, muitas vezes, surge esse Deus temível e terrível! O Deus e distante das pessoas, o Deus que Tiago e João quiseram invocar contra os samaritanos (Lucas 9.54) para consumi-los.

O grande problema é que Deus nessa realidade, não é o Deus Verdadeiros, mas aquele invocado conforme a visão de cada pessoa, um Deus muitas vezes legalista, que pune. Essa é a imagem mais comum, que se tem de Deus e também a mais errada. Transferimos ao próprio Deus o nosso caráter vingativo.

Mas qual a verdadeira imagem de Deus? Que é o Deus que Jesus Cristo nos apresenta?

Um Deus que se revela por meio de sua graça, seu amor e da sua misericórdia.

E por fim...

Peça ao grupo para responder as perguntas propostas ao final do estudo.

Para saber mais...

“Quando os olhos de Jesus observavam as ruas e ladeiras, ele sentia compaixão porque as pessoas estavam desorientadas. Ele lamentou por Jerusalém. Suas palavras não vinham carregadas de repreensão e humilhação, castigo e moralismo, acusação e condenação, ridicularização e depreciação, ameaça e chantagem, avaliação e rotulagem. Sua mente era constantemente habitada pelo perdão de Deus. Ele tomou a iniciativa de procurar os pecadores e justificou sua incrível facilidade e familiaridade com eles por meio de parábolas de misericórdia divina...O psicólogo francês Marc Oraison afirma: ‘Ser amado é ser olhado de tal maneira que a verdade de reconhecimento é revelada’. Um cristão que não apenas vê, mas olha o outro, comunica àquela

pessoa, que ela está sendo reconhecida como ser humano em meio a um mundo de objetos impessoais – como alguém e não algo. Se essa simples verdade psicológica, difícil e exigente como ela é, fosse praticada nas relações humanas, talvez pudéssemos eliminar 98% dos obstáculos para se viver como Jesus. Pois este é o próprio fundamento da justiça: a capacidade de reconhecer o outro como ser humano no qual brilha o sinal do Cordeiro”.

In: Manning, Brennan. Convite à loucura, p. 98-99.

Nessas palavras de Brennan Manning, talvez esteja a grande facilidade que Jesus tinha para falar e exercer a misericórdia. Ele enxergava o (a) outro (a) como ser humano. Desta forma, pode-se sentir a misericórdia de Deus, pois se reconhece nas pessoas a própria imagem do Criador.